

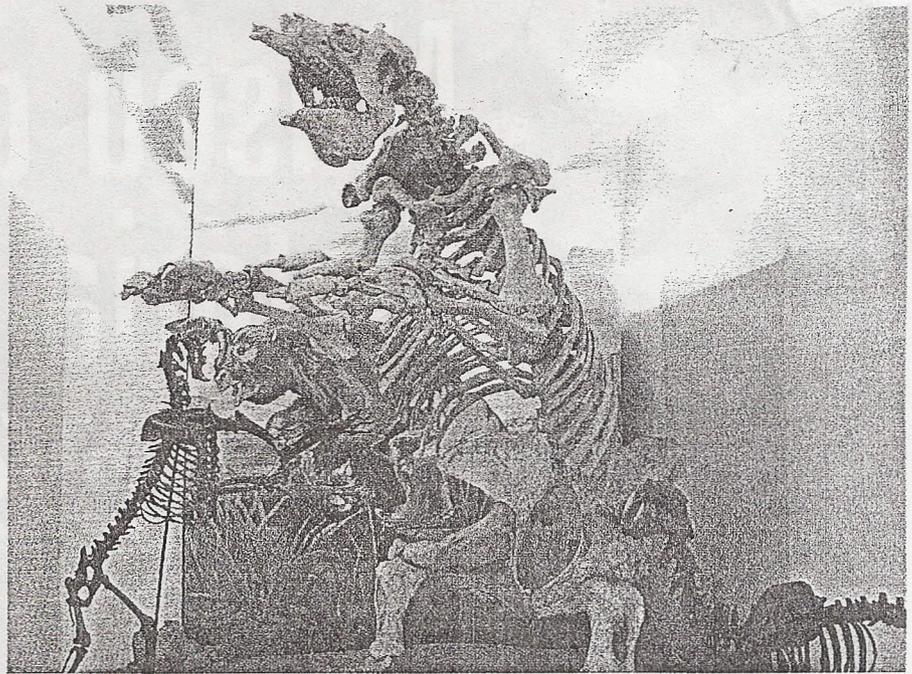
Museu de história natural

O que é isso?



Antes de qualquer técnica de preservação, porém, os corpos são limpos por dentro, isto é, todos os órgãos e as demais vísceras são retirados para que ele não apodreça. Em coleções científicas – veja só que curioso! –, costuma-se, também, limpar o esqueleto e o crânio dos animais, que são as partes mais difíceis porque as partes moles do corpo grudam nos ossos, com a ajuda de besouros carnívoros. Em pouco tempo, esses insetos deixam os ossos limpinhos!

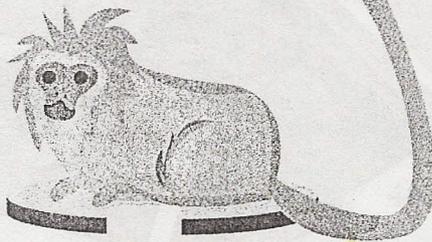
Depois de limpos, os esqueletos geralmente são guardados desmontados, ocupando menos espaço. E quando se organiza uma exposição... basta montá-los!



Acervo Museu de Zoologia/USP

Esqueleto de uma preguiça gigante montado para exposição no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Quem cuida das coleções científicas?



A administração ideal de uma coleção científica deve contar com pelo menos três profissionais:

Curador: é um pesquisador formado capaz de identificar as espécies e de decidir sobre sua organização, empréstimos, permutas e consultas, entre outras tarefas.

Assistente de curadoria: profissional, preferencialmente de nível superior, que também faz pesquisa, zela pela correta curadoria e presta assistência aos visitantes autorizados.

Técnico em acervo: prepara as espécies e zela por sua conservação e limpeza.

Expostos para ver ou para estudar?

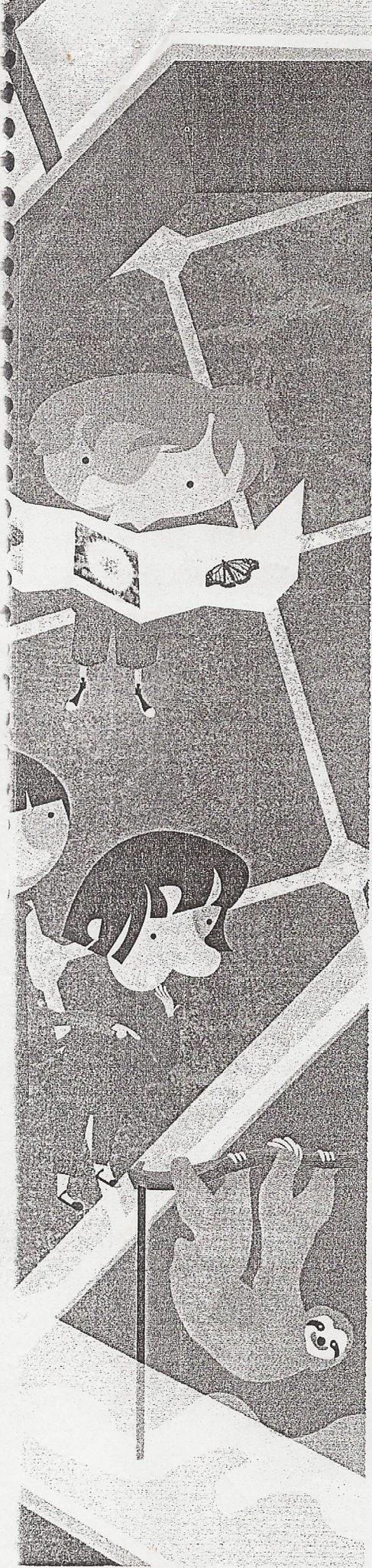
A preservação pela taxidermia pode ser de dois tipos principais: aquela voltada para exposição e a científica. O primeiro tipo é direcionado principalmente ao público em geral, assim os animais são montados de maneira semelhante à sua forma em vida. Na taxidermia científica – ou seja, quando são preparados para serem estudados –, as espécies são montadas em uma posição padrão:

braços estendidos para frente e pernas para trás, com as palmas das mãos e as plantas dos pés voltadas para a barriga. Para aqueles animais que possuem cauda, esta geralmente fica longitudinal às pernas. Veja na imagem abaixo.

Todos os animais preparados devem ser guardados em armários e separadamente, conforme a preparação: via úmida e via seca. É importante deixá-los protegidos da poeira e da luz, que descolore os pêlos.



Posição padrão dos animais preparados para serem estudados.



Esses museus especiais não abrigam obras de arte e, sim, animais e plantas. Os exemplares da fauna e da flora selecionados para estarem lá contam a história da natureza e podem ter sido importantes por representar um momento da evolução ou por serem parte da história da humanidade ou, ainda, por fornecerem informações únicas para a ciência, como DNA, dados de parasitas, dieta e reprodução, entre muitos outros aspectos.

As coleções de bichos e plantas que esses museus guardam, chamadas coleções científicas, podem ser usadas em pesquisas para entender como era o passado da Terra e, também, para desenvolver programas de conservação do meio ambiente. Além disso, essas plantas e animais servem de base para diversos estudos, como os estudos taxonômicos, que identificam e caracterizam plantas e bichos comparando-os com os da coleção; os sistemáticos, que trata da relação de parentesco entre os organismos; os biogeográficos, que procura entender como aconteceu a distribuição geográfica atual e antiga das espécies; entre outros.

Como se faz para guardar bicho e planta?

Como você deve imaginar, as plantas e os bichos guardados nos museus de história natural não estão mais vivos e para que fiquem bem conservados ao longo dos anos precisam ser devidamente preparados.

Para conservar as plantas, geralmente os ramos com folhas e flores são colocados numa prensa para desidratar. A prensa pode ser comparada a um sanduíche, em que o pão é substituído por duas tábuas de madeira e o recheio é feito da planta e de papel

Foto cedida pela autora



Animal empalhado e exposto em vitrine.

absorvente. Esse “sanduíche” vai para uma estufa e, com o calor, a planta perde toda a sua água. Assim, desidratada, a planta é acondicionada em um papel especial e está pronta para ser guardada protegida da luz e da umidade.

Já para conservar os animais vertebrados em geral, há duas maneiras: uma delas é chamada de via úmida, porque utiliza líquidos como etanol, glicerina e formalina para preparar os corpos e evitar que deteriorem – em geral, usa-se este para a conservação de répteis e peixes; a outra forma é a via seca, por meio da taxidermia, que nada mais é do que o empalhamento, o método mais utilizado na preservação das espécies de animais vertebrados, como aves e mamíferos. Empalhar é preparar a pele do animal, preenchendo-a com algodão, palha, serragem, arame ou moldes pré-fabricados.